

# **APOCALÍPTICOS, INTEGRADOS E PÓS-MODERNOS: a problemática da tecnologia na teoria da comunicação contemporânea**

**RÜDIGER, Francisco**

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1995); Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1987); Professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1985), e no Curso de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, desde 1990.

## **RESUMO**

O texto discute a problemática da comunicação, a partir da tripartição metodológica das perspectivas que têm orientado a teorização nesta área. Rüdiger amplia analiticamente a dicotomia-de-enfoque apresentada por Eco, ainda na década de 60, no que concerne as recepções de tipo apocalíptico ou integrado dos *media* e seus produtos. O trabalho propõe a retomada do conceito de comunicação como processo, e questiona a consistência de modelos interpretativos que subjazem a algumas descrições das chamadas novas mídias.

**Palavras-chave:** Apocalípticos. Integrados. Pós-modernos  
Tecnificação.

## 1 INTRODUÇÃO

Na perspectiva da teoria social moderna, as tecnologias de comunicação constituíram sempre uma temática relacionada à reflexão sobre a estrutura e sentido da conversação social, do diálogo público na sociedade. A comunicação representava, em essência, uma entidade social primária. Entretanto também era passível de mediação (distribuição) tecnológica (Cf. Rüdiger, 1995). No pensamento pós-modernista, esboçado nos últimos anos, verificou-se uma formidável mudança nesse entendimento. As tecnologias de comunicação tornaram-se um fator básico para explicar o conjunto da cultura. A sociedade passou a ser vista como um conjunto de circuitos e canais, mantido pelas redes técnicas de informação e comunicação.

Segundo seus porta-vozes, as telecomunicações provocaram o surgimento de novas formas de interação, não se limitam a reduzir as barreiras do tempo e espaço que se lhes antepunham anteriormente. A sociabilidade pós-moderna caracteriza-se pelo valor conferido à conexão do indivíduo a um sistema de mídia global, sobreposto às relações de convívio direto. Os comentaristas modernos sustentam que o aparecimento da tecnologia eletrônica não produziu diferenças substanciais na natureza e resultado da comunicação. A verdade porém, segundo seus epígonos, é que "a aldeia global mcluhaniana tornou-se tecnicamente factível, engendrando importantes conseqüências que questionam a adequação das teorias e pontos de vista existentes [à respeito da comunicação]" (Poster, 1990 : 2).

A tecnologia moderna produziu um êxtase na comunicação, promoveu-a em tamanha escala e força que, agora, parece que ela de certo modo se sublimou nos sistemas de interação criados e mantidos pelas novas técnicas de informação. O processo perdeu todo o sentido fora dessa mediação, geradora de uma nova realidade, merecedora de distintos juízos de valor, em que tudo se faz visível e imediato, os indivíduos, os seres e as coisas digitalizaram-se, e os segredos do mundo, pouco a pouco, tornaram-se transparentes. Resumidamente, o período clássico da compreensão, do diálogo e da troca chegou ao fim, está sendo "substituído pela era

proteica das redes, pela era narcisista e proteiforme da conexão, do contato, da contigüidade, do *feed-back*, da interface generalizada" (Baudrillard, 1984: 69).

A modernidade construiu-se em cima de um projeto cultural em que o fundamento era o princípio do progresso geral da humanidade. As múltiplas tendências postas em movimento por ela, da economia até a ciência, comungavam da crença de que as instituições, as iniciativas e as obras só possuíam sentido se contribuíssem para sua emancipação. As promessas de igualdade, liberdade e justiça eram para todos o horizonte legitimado do progresso. O desenvolvimento desse projeto todavia resultou no paulatino declínio desses ideais, à medida que a técnica e a ciência o punham em prática, a despeito da felicidade, trazida ou não, para o conjunto da humanidade. Os indivíduos passaram a viver o presente, deixando de acreditar nas narrativas sobre o progresso, e a sociedade abandonou os sonhos coletivos, ingressando numa nova conjuntura espiritual, na chamada pós-modernidade.

A falência das narrativas sobre o progresso coletivo do homem que assim se delineia é correlato, por sua vez, à ascensão de um discurso cada vez mais entusiasta, embora ambivalente, sobre a tecnologia. A progressiva descrença nos ideais é visualizada tanto como sua realização quanto como sua liquidação, conforme se assume uma postura crítica ou integrada em relação à nova cultura. Segundo os defensores dessa última, chegamos a uma espécie de fim da história, porque a tecnologia termina concretizando esses ideais, conduz-nos ao melhor dos mundos, transforma o progresso em realidade (Cf. Tofler, A. A Terceira Onda. Rio de Janeiro, Record, 1980.). Para os outros, ao contrário, as técnicas avançadas produzem um modo de vida passível de um crescente controle social, cada vez mais desprovido de sentido, virtualmente desumanizado (Postman, 1994).

A comunicação não se furta a esse tratamento, através do qual, pouco a pouco, deixa de ser domínio sujeito ao impacto da técnica para se tornar fenômeno gerado pela mesma, deixa de ser mediação da práxis social para se tornar técnica de acesso à sociedade. Na visão do mesmo, as transformações nos padrões de interação social, positivas ou não, derivam da própria natureza das tecnologias de comunicação. A comunicação social é um processo cada vez mais determinado pelos meios de comunicação, variando apenas o valor dado a esse entendimento.

Os *apocalípticos*, por exemplo, denunciam os perigos do tecnicismo desenfreado, a eminência de a sociedade perder a faculdade da conversação espontânea, tornar-se mais e mais opaca aos indivíduos que a compreem, em prejuízo da liberdade dos cidadãos, embora não para aqueles que controlam as novas tecnologias.

Segundo sua maneira de ver o problema, a conversação social foi interrompida porque, estruturalmente, "os novos meios não mediatizam" (Ferrarotti, 1988 : 13).

Enquanto isso os pensadores *integrados* acreditam, pelo contrário, que, na sociedade da informação que se avizinha, os receptores terminarão se tornando emissores, as comunicações laterais se multiplicarão, enfim, "a conversa informatizada e os seus códigos devem criar de novo uma *ágora informacional*, alargada às dimensões da nação moderna, de onde emanarão progressivamente acordos, compromissos, que exprimirão um consenso responsabilizando coletividades cada vez mais vastas, perspectivas cada vez mais longínquas" (Minc, A & Nora, S, 1978: 141-44).

O denominador comum dessa espécie de relato, qualquer que seja a ênfase da narração, é o entendimento da comunicação como uma espécie de aparato técnico, a substituição da teoria da comunicação por uma teoria das mídias de comunicação (*medium theory*), responsável pela criação de um determinismo tecnológico aplicado à cultura e à história, cujo ponto de partida encontra-se nos escritos de Harold Innis e Marshall McLuhan.

## **2 MARSHALL MCLUHAN : O MEIO É A MENSAGEM**

A Marshall McLuhan reconheceu-se durante bom tempo, inclusive na mídia, a condição de principal teórico da comunicação. Profeta da era eletrônica, o pensador conta-se de fato entre os pioneiros de uma série, segundo a qual as comunicações representam uma espécie de panacéia tecnológica. Reproduzindo suas palavras, vivemos um momento de transição, "a tecnologia elétrica já está dentro dos muros, [mas] nós [ainda] somos insensíveis, surdos, cegos e mudos, ante a sua confrontação com a tecnologia de Gutenberg" (McLuhan, 1968: 33).

As conquistas humanas sempre foram pagas com alguma forma de renúncia ou escravidão. A tecnologia contemporânea, contrariamente, é responsável pela criação de um novo mundo, em que o domínio da natureza está se tornando compatível com a liberdade de todos. A comunicação eletrônica está estendendo o nossos sistema nervoso central globalmente, interrelacionando todas as experiências humanas instantaneamente.

McLuhan difundiu assim a hipótese de que as comunicações produzem um profundo impacto sobre as categorias sociais do tempo e do espaço, levando, desse modo, à modificação das relações existentes na sociedade. Segundo ele, entender os meios é entender seu poder de mudar as estruturas temporais e espaciais, o trabalho e

as relações sociais, com que entra em contato. Conforme escreve um crítico, o pensador retratou a história "como uma série de revoluções tecnológicas, cada uma das quais suscitou presságios similares aos de hoje e cada uma das quais foi em realidade uma transformação da vida, conducente inelutavelmente ao valente mundo novo representado pela máquina computadora e [o] tubo de imagem da TV" (Finkelstein, 1969: 15-16).

Posteriormente descobriu-se, no entanto, que suas idéias, na verdade, eram bastante devedoras das pesquisas e hipóteses defendidas por um seu conterrâneo. Também Harold Innis, historiador e economista canadense, explorou de maneira profunda as formas de controle que residem na estrutura interna das diversas mídias. Na verdade parece ter sido pioneiro ao sugerir que "a civilização ocidental tem sido profundamente influenciada pela comunicação e que as modificações mais marcantes ocorridas na comunicação têm importantes implicações na história" (Innis, 1951 : 3).

Segundo Innis, a formação e queda dos impérios na história pode ser explicada examinando-se os monopólios de tempo e espaço criados pelas tecnologias de comunicação. A comunicação é um meio de projeção da consciência, que reveste-se de determinadas estruturas técnicas e, assim, modelam as formas de vida em sociedade. Os monopólios de saber que resultam delas comandam a distribuição de poder entre os grupos sociais, na medida em que essas estruturas implicam conceitos de tempo e o espaço controláveis através de diversos meios de comunicação. Os impressos são formadores do espaço social, enquanto os veículos que prescindem de suporte físico permitem o domínio do tempo vivido pela sociedade.

As comunicação nunca são neutras, carregam sempre um certa inclinação (*bias*):

*Na civilização ocidental, a existência de uma sociedade estável depende do justo equilíbrio entre os conceitos de espaço e tempo [...] A característica dos meios de comunicação, porém, é engendrar esse desequilíbrio na civilização, na medida em que favorecem ou o conceito de tempo, ou o conceito de espaço. (Innis, 1951 : 64).*

Historicamente o resultado disso é uma correlação entre as modificações nos sistemas de poder e as revoluções tecnológicas ocorridas na comunicação. A primeira delas, segundo o autor, afetou a maneira de controlar o tempo e foi promovida pela escrita; favoreceu a conservação e emprego da memória, no entanto estreitou a cultura oral e os canais através dos quais se chegava ao consenso na sociedades primitivas. A

segunda afetou a maneira de gerir o espaço e foi promovida pelas técnicas de difusão em massa da escrita (mídia impressa); contribuiu, no princípio, para a extensão do poder dos seus controladores sobre um território para, depois, provocar sua descentralização.

A revolução em curso (eletrônica), visualizada em seu início pelo autor, poderia seguir o mesmo padrão, na medida em que a formação de monopólios de poder e saber através da mídia podiam ser quebrados pela própria forma da mídia. A concentração de poder sobre o tempo e o espaço gerada pelas telecomunicações constituía apenas uma das tendências dessa mídia, potencialmente portadora das condições para um restabelecimento da cultura oral e do contato pessoal que "poderia constituir a base de toda uma nova forma comunicação" (Mattelart, 1995 : 103).

McLuhan retomou essas análises em seus vários escritos, defendendo a hipótese de que as tecnologias constituem uma extensão dos sentidos humanos, de modo que o predomínio de uma ou outra implica o predomínio de um ou outro modo de percepção da realidade. "A tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo" (1968 : 10). No princípio é expressão dos sentidos, porém depois torna-se o que os atinge e altera. Os indivíduos são modificados por suas técnicas de comunicação. As primeiras mídias eram extensões do corpo e dos sentidos, dos olhos e dos ouvidos humanos. As telecomunicações constituem não somente extensões do sistema nervoso central, mas técnicas que sobre ele rebatem, determinando uma modelagem da sociedade.

Resumidamente a proposição significa que o meio é a mensagem. "A mensagem de qualquer meio ou tecnologia é a mudança da escala, ritmo ou padrão que introduz na vida humana". Os conteúdos são secundários em relação às mudanças globais produzidas pelo surgimento de uma nova mídia na sociedade. As transformações na maneira de perceber e vivenciar a realidade são a mensagem de cada meio de comunicação.

Deixando de lado a fase tribal, McLuhan distingue duas épocas marcantes, inauguradas por revoluções, na história da comunicação : a época gutenberiana e a época eletrônica do audiovisual. A primeira descobriu um novo modo de conservar a memória, aumentando seu volume e liberdade de emprego. A segunda concebeu uma maneira socializar o conhecimento, permitindo o reforço dos laços de irmandade entre os homens.

O filósofo não foi visto em vão como profeta da era da comunicação, ao visualizar no desenvolvimento da tecnologia eletrônica de comunicação uma espécie de

redenção para a humanidade. Nos oráculos de sua autoria, realmente, encontra-se a convicção de que a eletrônica terminará criando os meios através dos quais não só o saber e, talvez, seu processo criativo se estenderão de maneira coletiva a toda a sociedade.

Na idade elétrica, quando o nosso sistema nervoso central é tecnologicamente projetado para envolver-nos na humanidade inteira, incorporando-a em nós, necessariamente temos de envolver-nos, em profundidade, em cada uma de nossas ações [voltando a formar uma totalidade (1968: 18)].

*Segundo pensava o filósofo, "a palavra falada era o meio mais completo de comunicação, porque, embora se destine a ser escutada, ela envolve também a participação de outros sentidos, como o tátil (os gestos) e o visual (as expressões faciais)" (Santos 1992 : 72). As culturas orais são culturas integrais, porquanto seus membros agem e reagem ao mesmo tempo. Os indivíduos são bem informados, constituem pessoas completas, formadoras de uma irmandade total.*

*O descobrimento da escrita e, mais tarde, das técnicas de impressão entretanto tiveram profundo impacto sobre a cultura, destruíram a humanidade. Romperam a associação entre os sentidos e modificaram a maneira do homem perceber e se relacionar com o mundo, tornando-a solitária, técnica, fria e impessoal. O advento da cultura impressa, noutros termos, criou um novo tipo de homem e de sociedade. Favoreceu certos sentidos (visão) em detrimento de outros, ao mesmo tempo em que engendrou uma determinada forma de racionalidade bastante limitadora (Cf. A Galáxia de Gutenberg [1962]).*

Entretanto a humanidade possui excelentes motivos para rejubilar-se, encontramos agora em meio a uma formidável metamorfose cultural, produzida pelo surgimento da comunicação eletrônica, através da qual podemos nos permitir um regresso à oralidade, a superação das fronteiras políticas, enfim, a instantaneidade na transmissão e a democratização dos conhecimentos (Cf. [1964] : 81). A Galáxia Gutenberg está perecendo, e, sobre suas ruínas restaura-se, mediante as novas tecnologias, uma unidade dos sentidos, que tende a fazer de todo o mundo uma só tribo. Citando a passagem mais célebre de sua obra, podemos afirmar que, "eletricamente contraído, o globo já não é mais do que uma vila", já não é mais do que uma "aldeia global" (McLuhan, 1968: 19).

*Conceitualmente o pensador distinguiu em suas análises duas classes de meios,*

*conforme o volume de informação por eles transmitidos : a quente e a fria. Explicando de maneira simples, se bem entendemos, a mídia é quente quanto maior for esse volume, quanto menos requer nossa intervenção. Inversamente a mídia é fria quanto menor for o volume de informação. A diferença refere-se menos ao meio do que a esta variável, a participação ativa do indivíduo.*

*Exemplificando podemos chamar o rádio de um meio quente, porque o ouvinte costuma receber tamanha quantidade de informação que sua participação tende a ser mínima. A televisão pelo contrário caracteriza sobretudo como um meio frio, porque costuma exigir ou favorece nossa intervenção, engendra situações que nos estimulam a preencher as lacunas de sentido deixadas pelo conteúdo transmitido.*

*As ilustrações acima, tomadas do autor, dão margem à discussão. Poderíamos muito bem inverter esses juízos sobre o rádio e a televisão. O principal legado de sua obra, no entanto, reside noutro lugar. Encontra-se sobretudo na divulgação da idéia, assumida por tantos outros agora, de que o meio é a mensagem, a comunicação, entendida em sentido amplo, é determinada pelos meios de comunicação (Stevenson, 1995 : 114-43).*

### **3 CULTURA E TECNIFICAÇÃO**

A perspectiva de entendimento histórico das comunicações concebida pela chamada escola canadense vem sendo reavaliada em relação à natureza simbólica do processo da comunicação, descoberta pela teoria social moderna. Segundo essa, a comunicação representa, em última instância, o movimento de instituição das estruturas simbólicas que presidem à interação social ao longo da história. No entendimento de diversos pensadores, entretanto, o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação é responsável por uma transformação no regime comunicativo surgido com a modernidade.

Nas palavras de um seguidor dessa interpretação, "atualmente os dispositivos de informação moldam os valores culturais do nossa época, não só às suas próprias regras de funcionamento, mas sobretudo às suas estratégias de legitimação, constituindo um meio cada vez mais autônomo em relação aos procedimentos comunicacionais espontâneos e imediatos das comunidades tradicionais" (Rodrigues, 1994 :34).

Louis Queré forneceu-nos um relato bastante coerente dos supostos históricos em que se baseia essa abordagem das relações entre comunicação e meios de

comunicação, que têm lugar na sociedade contemporânea. Conforme observa o pensador, a comunicação é um processo de troca simbólica, que se encontra nos fundamentos da sociabilidade; representa uma dimensão constitutiva da própria cultura, e, portanto, subtrai-se, por definição, às tentativas de reduzi-la à outro fenômeno, inclusive a tecnologia (1982: 121-22).

As transformações profundamente problemáticas produzidas nessa dimensão em nossa época, entretanto, resultam justamente dessa empresa, da progressiva tecnificação da mediação simbolizante. Os contemporâneos acreditam, de maneira equívoca, que a comunicação pode ser estruturada tecnicamente; conceberam o projeto enganoso de instituir tecnicamente o simbólico. A consequência é a paulatina perda de sentido da comunicação. As tecnologias em si mesmas não mediatizam. A comunicação só faz sentido contra o pano de fundo da práxis vital imediata, tecida simbolicamente. Entretanto prossegue-se por toda a parte nessa cegueira, que se reflete no plano teórico. Apocalípticos e integrados compartilham de um determinismo tecnológico que pratica a confusão conceitual entre *expressão*, enquanto aspecto instituído, e *intenção*, enquanto aspecto instituinte da comunicação.

Na verdade é preciso entender que o movimento de instituição do simbólico está aquém de qualquer modalidade histórica de interação, constitui um processo constitutivo da sociedade. Entretanto verifica-se também que essa instituição assume distintas formas, conforme se analisa a história. A comunicação é uma mediação simbólica da práxis social que obedece a diferentes codificações, conforme concluem as pesquisas realizadas nessa direção, sobretudo as devedoras do esforço de síntese promovido pela teoria da ação comunicativa habermasiana (Queré, 1982 : 83-119; Rodrigues, 1994 : 128-34).

A modalidade tradicional pode ser caracterizada pela forma do *verbo*, por uma mediação que finca suas raízes na reconhecimento coletivo das instâncias míticas. A comunidade relaciona-se consigo mesmo através de uma ordem exterior : os ancestrais, os deuses, a fortuna. A narrativa mítica é vivida socialmente como instância doadora da palavra e do entendimento. A estrutura simbólica fundadora da interação é vista como uma entidade totalmente exterior, transcendente à comunidade.

As sociedades pré-modernas caracterizavam-se por isso mesmo como sociedades que não problematizavam a comunicação. O fundamento das mesmas - externo a seu processo de posição - era intocável. Afinal as mitologias se furtam à interrogação : o mito se narra, é feito para ser contado. Fundadoras da ordem social, as narrativas míticas relatam as origens e descrevem a filiação de todas as coisas. A

comunicação era constituída com esses relatos e, portanto, estava contida no próprio princípio de intuição da sociedade como sociedade. Constituía o vínculo simbólico que, conquistado pelos homens em sua subtração ao caos, fornecia sentido à interação social verificada no contexto da comunidade.

A transmissão da memória dos mitos fundadores constitui o fundamento da comunicação, engendra os esquemas operatórios do saber e da ação formadores da tradição. O passado governa o presente como tempo fundador. A palavra dos anciãos reproduz a palavra originária. A comunicação se caracteriza pelo retorno do mesmo, todos os fatos novos são introduzidos na tradição. O simbólico não se distingue do real, não chega ao estado reflexivo, informa diretamente a prática social. A cultura se transmite oralmente e é assimilada praticamente sem distanciamento. Difícilmente consegue-se distinguir de maneira legítima entre o núcleo garantidor da identidade e uma periferia suscetível de revisão, dentro da tradição : as mitologias fundam identidade da tribo e de seus membros, ditando os parâmetros da conversação cotidiana.

As potencialidades da ação comunicativa encontram-se assim travadas pela tradição, "é impensável que as significações produzidas sejam outras que as do sentido original" (Queré, 1992: 91). A comunicação é pura e simplesmente veículo da tradição, constitui um fator de reprodução do mundo da vida em sociedade. A sabedoria tradicional regula consensualmente a cooperação e interação entre os homens, fornece as regras com que se orientam em sua práxis. A solidariedade é engendrada por meio de rituais e obrigações que reproduzem o núcleo normativo deste mundo da vida. A realidade transcendente constitui o lugar onde reside o sentido dos seres e das coisas, sentido este que não pode ser gerido pelo homem. A comunicação portanto é alguma coisa que não pode ser senão a repetição e reafirmação desse sentido transcendente.

Nas palavras de M. Gauchet, nesse mundo, os homens se reconhecem devedores dos deuses, de uma instância transcendente, doadora de todo sentido. O sentido vem do outro, vem de fora, na medida em que "o mundo em que vivemos, aquilo que somos, devemos-lo a seres que, por natureza, nada têm a ver com homens como nós, e que pertencem, de resto, a outro tempo e a outro espaço" (Gauchet, 1980: 78).

Conseqüentemente não se reconhece a seus integrantes o direito de discutir sobre sua forma de organização e seus problemas. Os princípios fundadores da vida social se encontram em fontes exteriores. A comunicação representa a articulação da vida social com seu exterior, com as razões que presidem à fundação dessa vida fora da sociedade : obedece à vontade dos ancestrais e aos mandamentos dos Deuses. Os

processos de instituição do sentido não são concebidos de maneira humana. Assumindo a figura do mito e reproduzindo-se por meio de rituais, são entendidos como criação divina ou supramundana. A comunicação por conseguinte unicamente rememora, transmite e presentifica o sentido, negando-se a pô-lo em discussão.

A modernidade marca a eclosão de um novo regime, a chegada da forma *retórica*, esboçada na antiga Grécia. A retórica consiste, com efeito, "em expressão de uma problemática de classe e suas oposições políticas, onde a interlocução se impõe verdadeiramente como sua, [isto é, de forma intramundana]. A palavra perde então sua surdez histórica e o processo dessa perda, através da qual a persuasão deixa de ser comunitária ou pessoal e, assim, faz com que [as diretrizes da interação] passe[m] do transcendente para o instrumental" (Franklin, 1975 : 253).

A formidável revolução produzida pelo aparecimento das técnicas de impressão e a crescente difusão de mídia impressa ajudaram a secularizar o fundamento da práxis comunicativa. Contribuíram para enfraquecer a razão mítica, na medida em que favoreceram a explicitação do caráter terreno e humano da produção e da troca social das mensagens. As categorias do espaço e do tempo, então, tornam-se históricas. O desenvolvimento e a circulação da mídia impressa, noutros termos, ajudam a criar uma cultura passível de discussão, baseada no diálogo, em que o ouvinte passa a dispor do direito de criticar a comunicação. Engendram as condições necessárias para o surgimento do discurso reflexivo, separando as mensagens do seu contexto social imediato, do raio de ação das autoridades coletivas. As transformações históricas "que marcam o nascimento da modernidade procedem à recusa em aceitar a existência de uma fonte única e transcendente de determinação significativa e normativa da atividade social" (Queré, 1992 : 99).

A desintegração do tradicionalismo promovida pelo capitalismo moderno significou o progressivo esgotamento da comunicação que se baseava na pura e simples reprodução dos simbolismos dominantes pela memória coletiva. Implementou uma racionalização do modo de vida que se traduziu no surgimento não somente de novas forças produtivas, mas de novas modalidades de comunicação. O crescimento das trocas desenraizou os homens de seus contextos de pertença tradicionais, colocando-os em contato, cada vez maior, com realidades culturais novas e distintas.

Fundamentalmente as transformações mencionadas provocaram o surgimento de públicos especializados assim como a progressiva sublimação da práxis comunicativa em uma esfera social autônoma, a que se deu o nome de conversação. Durante milênios os homens repetiram aquilo que os sacerdotes e as autoridades, as famílias e as tribos

lhes ensinaram. Chegados os tempos modernos, começou a haver uma mudança nessa situação. A conversação começou a adquirir um caráter menos convencional, transformar-se de intercâmbio simbólico regulado pela tradição em processo, mais ou menos livre, de discussão crítica da experiência.

*Segmentação do espaço social, desenraizamento da experiência, constituição de novas modalidades autônomas do espaço e do tempo, secularização dos ritos sociais são alguns dos processos que correspondem à emergência na nossa modernidade da questão comunicacional*"(Rodrigues, 1990 : 57).

A modernidade colocou socialmente o problema da comunicação com os outros, da intersubjetividade, à medida que os processos que a instituíram, procedendo à desterritorialização dos homens, punham-nos em contato com outras culturas, revelavam a necessidade de coordenar as ações em comum com sujeitos dotados de outra cultura. Conforme progredia a economia mercantil, as comunidades fechadas do período anterior foram se abrindo para o exterior, determinando a progressiva dependência do futuro de seus membros à capacidade de se comunicar num espaço em que a tradição dava lugar à intersubjetividade.

O esclarecimento do ponto, de resto, não difícil de alcançar, percebendo a extensão em que os chamados tempos modernos são uma formação onde o reconhecimento do outro deve ocorrer como reconhecimento de um outro cujo autoridade precisa ser relativizada, colocada em algum plano comum; onde, ao contrário das culturas anteriores, as diferenças precisam ser entendidas, sublimadas; os interesses precisam ser conciliados; os conflitos precisam ser negociados, se não se quiser recorrer à violência.

Durante séculos a narrativa mítica forneceu aos homens um dispositivo para armazenar, ordenar, lembrar e empregar os simbolismos em seu intercâmbio. Devido à sua forma, o expediente todavia conservou-se preso à terra e às pessoas, dificilmente se deixava transplantar para outros territórios.

*Nas sociedades tradicionais, as relações intersubjetivas estavam relativamente confinadas a um lugar concreto de enraizamento, a uma comunidade de pertença. Na distinção entre os que partilhavam conosco idêntico destino , os de dentro e os outros, assentava o reconhecimento de regras de convivência de convivência* (Rodrigues, 1990: 126).

As tecnologias modernas, contrariamente, desenvolveram-se mais e mais tendo em vista a superação das barreiras do espaço e do tempo. Inicialmente produziram as condições para a progressiva desterritorialização das pessoas. Na seqüência engendraram o movimento de desenraizamento da experiência, permitindo ao homem conhecer, cada vez mais rápido, os acontecimentos ocorridos em universos cada vez mais distantes.

Finalmente estabeleceram, em nosso século, uma sincronização do tempo vivido com o espaço habitado, possibilitando à humanidade ultrapassar as barreiras do tempo, colocar-se em contato, cada vez mais vivo, com a história. A comunicação social satisfaz-se, então, com o realizar-se aqui e agora de todos os significados em circulação, a veiculação instantânea e imediata de um saber sobre o mundo, que nos leva, todos, a mergulhar embriagados nas águas do presente.

Verifica-se assim, portanto, que, atualmente, as representações sociais tecnologicamente mediatizadas pelos dispositivos da informação suprimem ou anulam a sensação de distância, engendrando, de maneira imediata e instantânea, à escala global, procedimentos de intercâmbio simbólico e conhecimento da realidade radicalmente novos em relação aos conhecidos em passado próximo, para a maioria da população.

O comprometimento da sociedade com as novas tecnologias de comunicação todavia também é responsável por uma paulatina metamorfose em seu processo de instituição simbólica. A crescente dependência dos padrões de interação a essas técnicas, pouco a pouco, submete esse processo a um novo regime, correspondente à "realização total do discurso, a seu acabamento no seio da racionalidade imanente da organização social plenamente desenvolvida" (Franklin, 1975 : 171).

O *cibernético*, ou interativo, corresponde realmente ao acabamento da comunicação no sentido da superação de suas formas anteriores em uma modalidade superior e mais eficaz. Prendendo-se às redes telemáticas, acontece agora de o indivíduo transformar-se funcionalmente em comunicador/receptor, encaixar-se em circuitos tecnificados, através dos quais circulam as mensagens legítimas perante a sociedade. A sociedade noutros termos passa a ser conectada ou tecida por processos de informação operacionalizados, assiste à perda da interação espontânea. Verifica-se por toda a parte uma tomada da palavra, mas essa se mostra cada vez mais induzida, dependente de uma complexa maquinaria, distante da qual parece que não há comunicação.

Os dispositivos da informação instauram circuitos de conexão que se sobrepõem

às referências de sentido enraizadas na experiência imediata e no horizonte do território, subordinando as estruturas simbólicas aos códigos especializados. A conversação, tendendo a se tecnicizar, reduz-se então, cada vez mais, a pura e simples troca de informações. Conseqüentemente conclui-se que se, na comunicação, o estágio mítico-verbal corresponde a uma ausência de discussão, e a retórica à instauração do diálogo crítico - o estágio atual, marcado pelo advento das telemídias, direciona-se para a expressão instrumental, fundada temporalmente na instantaneidade.

Conforme adverte Adriano Rodrigues, o determinismo tecnológico compartilhado por apocalípticos e integrados extrai muito de sua credibilidade dessa situação. Relativamente à matéria precisamos observar antes de mais nada, porém, que "os três modelos comunicacionais que acabamos de definir não devem ser considerados de maneira evolutiva, como etapas sucessivas. (...) Coexistem num mesmo território e especializam-se no desempenho de funções próprias da experiência" (Rodrigues, 1994 : 134).

Em segundo lugar, sustenta o autor, precisamos notar que as transformações provocadas pelas tecnologias no regime de instituição simbólica, positivas ou não, derivam da própria natureza simbólica da tecnologia. As comunicações midiadas não são só um fenômeno técnico, tornaram-se sucedâneos das antigas formas de interação na medida em que possuem uma dimensão simbólica.

A proposição é resultado de uma cuidadosa reflexão sobre a natureza da técnica, todavia estranha aos conceitos do pensamento comunicativo moderno precedente. Aparentemente o pensador contesta o determinismo tecnológico, segundo o qual as comunicações é estruturada de maneira tecnicamente determinada. A declaração todavia é mera ante-sala para a defesa da hipótese de que a tecnologia, na verdade, é uma dimensão da cultura.

Seguindo Georges Simondon, Rodrigues sustenta que a técnica tem uma natureza cultural, constituindo um de seus vários aspectos, liberado, tardiamente, pela modernidade. Modernamente verificar-se-ia, efetivamente, que os utensílios e os instrumentos de tempos passados, pouco a pouco, viriam dando lugar aos chamados dispositivos. Noutros termos, as tecnologias estariam dando lugar às chamadas logotécnicas. Imperceptivelmente os dispositivos estariam mais e mais modelando o homem em sua totalidade, tornando-se parte do nosso próprio corpo, fundindo as competências simbólicas e técnicas, que ainda estavam bastante separadas no passado, incluindo a alta modernidade.

Conseqüentemente "a natureza da inquietação e da esperança que as novas tecnologias hoje despertam, fonte da tensão que atualmente constitui a nossa experiência cultural, tem a ver com o fato de não serem [mais] propriamente utensílios de produção nem instrumentos de percepção de uma realidade exterior, mas dispositivos da própria linguagem, [da totalidade da comunicação]" (Rodrigues, 1994 :203).

A perspectiva é sedutora e está aberta à discussão, a principal consistindo, à primeira vista, em saber se, procurando superar o determinismo tecnológico em relação às modificações ocorridas no processo de interação, seu formulador não terminou sucumbindo a um discurso de natureza ontológica (historial) sobre a técnica e a cultura. Poderíamos por outro lado pensar também se, conforme outros sugerem, a tecnificação da interação social a que assistimos, na verdade, não passa de um novo modo, problemático é certo, de instituição (imaginária) do regime simbólico que preside à toda comunicação. A convicção que a teoria social moderna nos deixa porém em relação ao problema das novas tecnologias é a de que, contrariamente ao suposto por apocalípticos e integrados, não há comunicação dessimbolizada (Cf. Queré, 1982).

#### **4 LUCIEN SFEZ : O ÊXTASE DA COMUNICAÇÃO**

As formidáveis polêmicas ensejadas pelo desenvolvimento das novas técnicas de informação todavia levaram alguns intérpretes de nosso tempo a problematizar os fundamentos conceituais da matéria e, seguindo o receituário crítico pós-modernista, a levantar a hipótese do fim da comunicação. O pensamento moderno foi assombrado, desde cedo, pela idéia de fim, sobretudo do fim da história (Hegel). Aparentemente a pós-modernidade representa a consumação dessa idéia, tamanha a difusão de óbitos que proclama. A comunicação é uma das últimas categorias a chegar esse cemitério, povoado até então pelas figuras, entre outras, da política, da família, da moral e do indivíduo. Atualmente "pessimistas e otimistas com a comunicação confrontam-se sem notar que esse objeto, na verdade, não mais existe", defende Lucien Sfez (Sfez, 1992 : 437).

Os antecedentes dessa perspectiva encontram-se no julgamento frankfurtiano segundo o qual, chegada a modernidade tardia, "a conversação e a linguagem se absorvem na comunicação" (Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro, Zahar, 1985, p. 153). O desenraizamento da experiência provocado pelas tecnologias empobreceu os contatos e retirou o sentido das palavras. Atualmente "todos sabem sair-se bem, cada frase que aprendem os capacita para o microfone ante o qual são colocados como

representantes do homem médio, mas a faculdade de falar com os demais se acha estancada. Esta capacidade supunha uma experiência digna de ser comunicada, liberdade de expressão, independência e ao mesmo tempo relação. Dentro do sistema que tudo a abarca a conversação se converteu em ventriloquia" (Adorno, 1992: 156).

A linguagem deixou-se colonizar pelas palavras de ordem, as frases feitas e os clichês veiculados pela mídia. As telecomunicações representam um sucedâneo da experiência imediata com seu semelhante que se veda aos homens. Engendram a sensação de proximidade ao vincular às redes uma coletividade que realmente não sabe ou tem o que dizer, fora do texto padronizado. Os significados que transcendem o puramente funcional se exaurem. A conversação espontânea não ultrapassa o trivial e o imediato. Os indivíduos mais e mais usam locuções que não entendem de todo, procedendo de maneira mecânica ou behaviorista. "A linguagem e os gestos [das pessoas] estão impregnados mais fortemente do que nunca pelos esquemas da indústria cultural" (Dialética do esclarecimento, op. cit., p. 156).

O pressuposto fundamental das análises frankfurtianas entretanto era o de que a intervenção da tecnologia constituía, na verdade, um aspecto do movimento conjunto da sociedade capitalista. Os pós-modernistas simplesmente desvincularam a tecnologia dos seus fundamentos econômico-sociais, transformaram o fetichismo produzido pela técnica no conceito de racionalidade tecnológica, seguindo um caminho deixado aberto pelas reflexões sobre a técnica de Heidegger. Na atualidade, sustentam, "a conversação foi interrompida : o fio das histórias contadas diretamente entre as pessoas foi cortado, e, quem o fez, [entre outros meios] foi a rainha dos mass media, a sempre-presente televisão" (Ferrarotti, 1988 : 32).

Lucien Sfez dedicou-se a provar essa espécie de idéia em *Crítica da Comunicação*. Segundo o pensador, a comunicação mediada tecnicamente começou sendo vista, na teoria, como a mensagem que o sujeito envia a um receptor através de um veículo. Posteriormente, a categoria passou a ser vista como o processo de inserção do sujeito em um ambiente complexo, caracterizado pela polissemia e a impossibilidade de não comunicar, conforme observaram os pensadores da Escola de Palo Alto.

A conversação social, devidamente entendida, entretanto consiste, antes, na interpretação de uma estrutura simbólica que precede os signos que ela relaciona; caracteriza-se pelas idas e vindas, os lapsos e as ambigüidades, os enganos e mal-entendidos; depende em última instância de uma comunidade de sentido, fundada sobre memórias comuns e entretecida por um sistema institucional, responsável pela

sua transmissão e continuidade de andamento. Resumidamente a comunicação social é um processo que, conforme viu boa parte da teoria social moderna, envolve interpretação, pressupõe a mediação de símbolos, reproduz um senso comum e contém um bom senso, refratário à tecnificação (Sfez, 1992 : 439-71).

Segundo parcela dos pós-modernos, verifica-se porém que, atualmente, esse processo social está em vias de se dissolver através de sua reprodução tecnológica. A categoria da comunicação continha promessa de nos fazer chegar a uma sociedade de posse de si mesma, transparente a todos. A possibilidade sofreu um curto-circuito com a construção de seu simulacro técnico, a sua progressiva encenação midiática, através de diversos expedientes, que a põe a funcionar como logro, na medida em que, - visto as redes (a mídia) terem se tornado a mensagem, - a circularidade de todos os pólos, entre emissor e receptor, - sonhada pelas utopias criadas à volta do conceito, - terminou se realizando às custas do sujeito, exclusivamente em benefício do sistema tecnológico.

"A *mediatização [em curso]* não designa somente a ação dos mass media em tanto que meios de difusão, mas antes o esquema de sentido, linguagem, relações e *comunicação* que, reportando-se a esses meios, transcende seu quadro, ao impor-se como estrutura e modelo universalizado". Refere-se ao processo pelo qual as técnicas de mediação passaram a compor as táticas dos "poderes que modelizam o espaço público, visando à prossecução dos seus objetivos e à satisfação de seus interesses, caracterizadores de um novo sistema de dominação" (Cf. Franklin, 1975 : 293).

Destarte M. McLuhan não estava errado ao dizer que o meio é a mensagem. O significado disso porém não é só que a mensagem se dissolve no meio, mas que o meio já não é mais uma mediação, "já não há *media* no sentido literal do termo - isto é, instância mediadora de uma realidade para outra, de um estado do real para outro" e portanto "é inútil sonhar com uma revolução pela forma, já que medium e real são a partir de agora uma única nebulosa indecifrável na sua verdade" (Baudrillard, 1991: 108).

Resumidamente comunicação significa fazer algo em comum, significa interagir socialmente. O problema consiste, segundo esses autores, em saber quais são os meios. A experiência demonstra que, na atualidade, realizou-se, através da técnica, uma espécie de difusão dos meios de exercer a palavra. Comunicar se tornou sinônimo de empregar máquinas e utensílios tecnológicos. Os indivíduos sentem-se cada vez mais incitados a telefonar para os outros, revelar ao público suas vivências e sua imagem, ligar-se às redes, tornar-se emissor e ser ouvido no rádio e na televisão.

Conseqüentemente, proceder "à crítica [neste campo] tornou-se [proceder] à crítica das tecnologias da comunicação" (Sfez, 1990: 6) .

A problemática que emerge dessa crítica aponta porém para a supracitada sublimação da ação comunicativa nas redes de comunicação. Primeiramente porque o processo significa a monopolização da palavra legítima pelo meio técnico, funciona no sentido de impedir toda e qualquer apropriação individual ou comunitária ; depois porque, promovendo uma tecnificação da linguagem, é responsável pela progressiva ruptura das ligações simbólicas que sustentam a interação; finalmente, porque o processo separa as pessoas, converte a cada um de nós numa espécie de terminal dos sistemas de contato, uma superfície de absorção e reabsorção das redes de influência criadas tecnicamente.

Em conjunto isto quer dizer que a conversa pública está assumindo os contornos de uma rede, de onde estão excluídas a reciprocidade, a ambigüidade e os conflitos da verdadeira comunicação. Neste meio ocorre que o feedback técnico toma o lugar do que era interação comunicativa. A comunicação torna-se o resultado de exercícios de simulação, criadores de um imaginário onde nossa própria figura passou a ser gerada anônima e automaticamente.

Situamo-nos em um universo onde "a transparência direta do espaço, que permite a cada um de nós perceber nossos vizinhos imediatos, é completada pela transparência indireta do tempo da velocidade das ondas eletromagnéticas que transmitem nossas imagens, nossa voz e, no futuro, não duvidemos, nossa ação, através de vestimentas transmissoras de dados que permitirão não somente a *tele-visão* e a *tele-audição*, mas ainda a *tele-ação* em comum" (Virilio, 1993: 102).

Em compensação a capacidade de expressão individual nos é expropriada. Dependendo de operações especializadas, passou a ser acionada pelo próprio sistema de comunicação. As modalidades de comunicação legítima se realizam agora em estruturas técnicas determinantes previamente, em um modo de vida no qual as configurações mentais dominantes tendem a assumir a forma de dispositivos condicionados pela comunicação.

Conforme Henri Jeudy, a propagandeada interatividade com a qual tentam nos vender a sociedade da comunicação, na verdade, é o princípio de um imaginário social que idealiza a realização entre o indivíduo e os circuitos de comunicação. Porquanto os supostos sujeitos do processo

Estão investidos de sua função apenas pelo reconhecimento da finalidade interativa das redes, sua situação de interface permanece encantatória, é a injunção que a combinação das redes lhe destina, [...] e sua ação é dirigida pelos gestores da comunicação, que multiplicam este gênero de injunção pela implantação crescente das teletecnologias (Jeudy, 1990 : 72-73).

As tecnologias de comunicação engendraram uma mediação das relações entre os homens e entre eles e o mundo, " produziram uma forma simbólica através da qual podemos abordar não somente as relações individuais e sociais, mas ainda às relações que entretemos com o mundo que construímos. [Isto é] um quadro simbólico que pouco a pouco se interiorizou ao ponto de não ser mais percebido como filtro, ou meio de conhecimento entre outros, mas como meio doador de uma única apreensão da realidade" (Sfez, 1992 : 18).

A categoria que designa essa forma é a de tautismo : a confusão entre as dimensões expressiva e representativa (instrumental) da interação, a pressuposição socialmente difundida de que nos expressamos, quando na verdade nos deixamos conduzir instrumentalmente na comunicação. A comunicação está se extinguindo por excesso de interação, esgotando-se num processo tautológico, marcado por uma escalada espiral, no contexto do qual o receptor, o emissor e a mensagem não se distinguem mais do ambiente formado pelo conjunto do sistema, onde se tornou difícil encontrar alguma fonte do real fora do circuito fechado das mensagens e das redes de comunicação (Sfez, 1992).

A perspectiva esboçada assim, aparentemente, tem muito de fantasia; fornece-nos, no máximo, um retrato parcial da comunicação em curso na atualidade. O determinismo tecnológico sabidamente não é um bom meio de explicar a sociedade e, por essa via, arriscamos a conceber um sucedâneo do antigo paradigma informacional (Shannon & Weaver). A reestruturação das coordenadas espaço-temporais entre comunicador e receptor, das relações entre a mensagem e seu contexto, sem dúvida vem produzindo um profundo abalo em nossa experiência (Meyrowitz, 1985). Entretanto parece exagerado supor que criou uma nova estrutura de comunicação.

Segundo Mark Poster, responsável por um relato dessa espécie, as telecomunicações modificaram a relação do sujeito com os símbolos que ele emite e recebe, recompondo-na em determinadas rotinas através das quais "a vida social está se identificando, em parte, com a prática de posicionar os sujeitos a receber e interpretar mensagens" (1990 : 14-15). Entretanto podemos nos perguntar se, na

verdade, essa prática que se supõe nova, não constitui a própria essência da comunicação. Aparentemente a comunicação parou de remeter à mensagem, para remeter à sua própria realimentação. Podemos nos perguntar porém se, realmente, isso é uma novidade, do ponto de vista epistemológico.

Valendo-nos das palavras de um crítico, podemos afirmar, sem dúvida, que "a cibernetização da sociedade não representa uma ficção, nem um perigo imaginário : nós entramos nela." A realidade social-histórica todavia deve ser analisada sem simplificação, incluindo aí as tentativas de entender as tecnologias como simples produto da instituição imaginária da sociedade. O determinismo tecnológico não deveria ser substituído por um discurso de natureza ontológica (historial) sobre a dimensão técnica da cultura. Afinal de contas a realidade social-histórica, definitivamente, precisa ser distinguida, se quiser ser entendida, dos "barulhos, rumores e cantos que acompanham a luz dançante e perfazem um cenário filmado", através do qual o pós-modernismo, na verdade, "cria seu elogio e sua crítica", conforme escreve (Lefebvre, 1969).

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- ADORNO, Theodor. **Minima moralia**. São Paulo, Ática, 1992.
- BRETTON, Philippe. **L'utopie de la communication**. Paris, La Découverte, 1992.
- FERRAROTTI, Franco. **The End of Conversation**. Westport (CO), Greenwood, 1988.
- FRANKLIN, Jean. **Le discours du pouvoir**. Paris, UGE, 1975.
- GAUCHET, M. **Guerra, Religião e Poder**. Lisboa, Ed. 70, 1980.
- JEUDY, Pierre. **Ardis da comunicação**. Rio de Janeiro, Imago, 1990.
- INNIS, Harold. **The Bias of Communication**. Toronto, The University of Toronto Press, 1951.
- LYOTARD, J.François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986.
- MATTELART, Armand. **Histoire des théories de la communication**. Paris, La Découverte, 1995.
- MCLUHAN, Marshall. **Understanding Media** [1964] (Trad. bras.: São Paulo, Cultrix, 1968).
- MCQUAIL, Dennis. **Mass Communication Theory**. Sage, Beverly Hills, 1995.
- MEYROWITZ, Joshua. **No Sense of Place**. Nova York, Oxford Univ. Press, 1985.
- MILLER, Jonathan. **As Idéias de McLuhan**. São Paulo, Cultrix, 1980.
- POSTER, Mark. **The Mode of Information**. Cambridge (UK), Polity Press, 1990.

QUÉRÉ, Louis. **Des miroirs équivoques** : Aux origines da la communication moderne. Paris, Aubier, 1982.

RAULET, G. "**The New Utopia** : Communication Technologies". In -Telos 87(39-58)1991.

RODRIGUES, Adriano. **Estratégias da comunicação**. Lisboa, Presença, 1990. Comunicação e cultura. Lisboa, Presença, 1994.

RÜDIGER, Francisco. **Comunicação e teoria social moderna**. Porto Alegre, Fênix, 1995.

SANTOS, José R. **A comunicação**. Lisboa, Difusão, 1992.

SFEZ, Lucien. **La communication**. Paris, PUF, 1991. **Critique de la communication**. Paris, Seuil, 1992.

STEVENSON, Nick. **Understanding Media Cultures**. Londres, Sage, 1995.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Lisboa, Edições 70, 1991.

Copyright (c) 1997 Autor(es) / Copyright (c) 1997 The author(s)  
The copyright of works published in this journal belong to the  
authors, and the right of first publication is conceded to the journal.  
Due to the journal being of open access, the articles are of free use in  
research, educational and non-commercial activities.

